



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no show “Beijo Bandido”, com Ney Matogrosso, em benefício das ações do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase

Rio de Janeiro-RJ, 30 de agosto de 2010

Bem, primeiro, eu acho, Eike, que... espero que o teu gesto possa servir de estímulo, de exemplo para que outros empresários possam, em outros momentos – não apenas para os hansenianos, mas em tantas causas que existem no Brasil –, que possam colaborar de forma desprendida, como você tem colaborado.

Segundo, Adriana, te dar os parabéns. Eu acho que não é sempre que a gente pode presenciar companheiros hansenianos entrando no Theatro Municipal da capital de um estado importante como o Rio de Janeiro.

Eu lembro que a primeira vez que eles entraram no Palácio do Planalto, acho que o Ney Matogrosso estava junto também... Eu quero, aliás, agradecer o engajamento do Ney Matogrosso na causa da hanseníase no Brasil. Mas, muitos companheiros que foram ver a gente pela primeira vez não acreditavam que pudessem entrar no Palácio do Planalto. Lá eles entraram e foram tratados como qualquer cidadão. Do mesmo jeito, Eike, que eu lhe recebo no Palácio do Planalto, eu recebo cada companheiro desses... que é um pouco as coisas que o Brasil tem que mostrar para as pessoas.

Eu digo sempre, companheiros, que cada um desses companheiros aqui... muitos deles, eu já encontrei com eles ou no Pará, ou no Acre, ou no Amazonas. Cada companheiros desses ficou segregado. Eu, no dia em que nós sancionamos a Medida Provisória, que eles tomaram a minha Mont Blanc, uma caneta que eu tinha... quebraram o protocolo e tomaram a minha caneta. Eu, agora, não uso nem caneta mais. Cada vez que eu encontro este baixinho aqui, eu deixo a minha caneta e boto uma Bic no bolso.



Mas eu acho que, Artur, a gente pode dizer que tinha uma política antes e uma depois de um ato como este, porque quem ouve a história de um companheiro que foi segregado numa colônia... Nós fomos ao estado do Amazonas não apenas fazer a titulação da terra, mas dar umas casinhas para os companheiros, e a gente ver a situação em que aquele pessoal viveu, abandonado durante tanto e tanto tempo, e ver essas pessoas hoje aqui no Theatro Municipal, chique, falando, e tanta gente se importando, vendo vocês, eu acho que a gente começa a acreditar um pouco mais que tudo é possível. A única que não é possível seria Deus pecar. O resto a gente vai conseguindo e o avanço é extraordinário.

Queria dizer, Adriana, que certamente tem algumas pessoas que não vão gostar do que você fez, porque trazer hansenianos aqui no Theatro Municipal, isto aqui, que era palco de grandes espetáculos e apenas uma parte da sociedade poderia vir, tem gente que vai dizer: “Mas por que é que a Adriana levou essa gente lá? Por que é que não levou em outro lugar?” Eu acho que esse gesto, de você ter a coragem de trazê-los aqui... Não é para expô-los à sociedade. É para expor a sociedade diante deles, mostrar como se foi cruel neste país, em determinado momento.

Eu tive a oportunidade, Eike, de ouvir alguns depoimentos de pessoas, que a Vigilância Sanitária da década de 40 ia à casa para tirar, separar as pessoas. Eu ouvi depoimentos de mães, de pessoas que foram retiradas, de marido que se matou, de mulher que só foi ver a filha 40 anos depois, e eu acho justa a reivindicação de vocês, que também os filhos que foram separados dos pais tenham direito de receber um benefício do Estado brasileiro, porque é um processo de reparação que nós temos que fazer, temos que fazer. Eu sei que não é uma luta fácil porque você tem que vencer a burocracia interna do estado, depois passar as coisas pelo Congresso Nacional.

Eu lamento profundamente, Artur, que o nosso querido companheiro



Bacurau não esteja presente, junto conosco. Ele, que foi um guerreiro extraordinário, grande líder do Morhan, que morreu em [19]97, não pode estar junto conosco. Mas eu, Artur, ainda tenho, ainda tenho... não acabou o meu mandato, eu ainda tenho quatro meses. Quatro meses e uma caneta.

Então, o que eu acho, (incompreensível), é que, é que... veja, quando nós aprovamos a lei da aposentadoria, a gente imaginava que tinha quatro mil pessoas que iam fazer requerimento. Já fizeram requerimento 11 mil pessoas. Nós resolvemos atender primeiro as pessoas que tinham mais de 60 anos de idade, ou seja, que eram mais necessitadas. O Paulinho Vannuchi, o nosso ministro de Direitos Humanos está aqui. Já foi resolvido, já tem cinco mil e poucas recebendo, das quais 516 aqui do Rio de Janeiro, e agora nós vamos pegar todas as outras pessoas que requereram. Já são 11 mil, e eu peço a Deus que a gente possa, antes de terminar o meu mandato, Paulinho, resolver todas essas que têm requerimento, porque novos requerimentos e novas conquistas devem acontecer para que a gente termine, de uma vez por todas, com o sofrimento de uma geração de pessoas que um dia foram hansenianas.

Que Deus abençoe todos vocês. Eike, meus parabéns. Adriana, parabéns. Sérgio Cabral, parabéns, Pezão, Eduardo Paes.

Eu acho que o que fica demarcado aqui é o seguinte, Adriana. Eu sempre dizia o seguinte: não é possível governar um país apenas com a inteligência da cabeça. É preciso governar um país, um estado e uma cidade com a inteligência da cabeça, mas com muito sentimento no coração, porque isso... sem isso a gente não conseguiria onde nós chegamos.

Parabéns, Arimatéia. Ainda bem que só falaste três minutos porque senão estaríamos aqui te ouvindo até agora. Nós temos que sair porque o nosso companheiro Ney Matogrosso vai fazer... Ô Gilberto, o Arimatéia quer te ver. Deve querer te pedir alguma coisa. Cuidado, hein, cuidado. Nós vamos... Estamos atrapalhando o Ney Matogrosso, já, sabia? Sabia que ele veio aqui para fazer um show? E sabia que muita gente que veio aqui não veio para ouvir



o nosso discurso, não, foi para ouvir o show do Ney Matogrosso? Então, nós vamos...

Gente, eu queria, eu queria pedir desculpas a vocês, eu queria pedir desculpas a vocês, eu vou ter que me retirar pelo seguinte. Eu ainda tenho que ir para Ribeirão Preto, tenho que ir para Ribeirão Preto, e eu tenho um problema: se eu não chegar em São Paulo até umas dez para as onze, eu não posso pousar mais no Aeroporto de Congonhas. Então, eu preciso... lamentavelmente, tenho que ir embora, Arimatéia. Fica para a gente se encontrar em Redenção, em Redenção, no Ceará, quando a gente for lançar a pedra fundamental da Universidade.

Gente, que Deus abençoe todos vocês. Um abraço a todos os companheiros e companheiras do Morhan que estão aqui presentes. Um abraço.

(\$211A)